



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVIII SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2024**

A ESPACIALIDADE NAS ANDANÇAS DE DOMINGOS ALVES BRANCO **MUNIZ BARRETO (1780-1808)**

Wilton Alves Ferreira Júnior¹; Caio Figueiredo Fernandes Adan²

1. Bolsista – Fapesb, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: wfr.alves@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: caioadan@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Bahia Colonial; Viagens; Paisagem.

INTRODUÇÃO

As andanças de Muniz Barreto pela capitania da Bahia em finais do século XVIII atenderam a interesses estratégico-militares, mas também a interesses econômicos, científicos e naturalistas. O próprio Muniz Barreto buscou inserir sua atuação no contexto mais amplo do naturalismo luso-brasileiro, enviando suas produções, memórias, mapas e estampas botânicas para diversas instituições do poder colonial.

Muniz Barreto passou a maior parte da vida atuando como militar, posição que lhe permitiu percorrer o território do Brasil, executando tarefas estratégicas de interesse da Coroa portuguesa. O objetivo da principal viagem realizada por Barreto, e que estudamos aqui, era estratégico-militar: convencer índios “amotinados” na ilha de Queipe a retornarem para suas vilas e aldeias. Para tanto, empreendeu duas viagens, ou uma viagem em duas partes, de datas difíceis de serem precisadas, pois há contradições entre as datas estabelecidas, tanto internamente aos próprios documentos produzidos por Muniz Barreto, quanto nas datas estabelecidas pela historiografia. Teria sido entre os anos de 1790 e 1793, entretanto, que, disfarçado de naturalista, ele percorreu as principais vilas e aldeamentos indígenas descritos em seu relato.

Além do êxito estratégico/militar, tais “andanças” também resultaram em outros três trabalhos que o naturalista submeteu a diferentes instituições, e que foram também parcialmente escrutinados por esta pesquisa.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

As fontes principais utilizadas nesse trabalho foram a “*Relação que contém por lembrança a descrição de uma diminuta parte da comarca dos Ilhéus desta capitania da Bahia, por onde viajei, e do que nela observei*”, manuscrito sob a guarda da Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa [BACL - Manuscritos da Série Azul 374(25)]; e a “*Notícia da Viagem, e jornadas que fez o Capitão Domingos Alves Branco*

Muniz Barreto Entre os Índios sublevados nas vilas e aldeias das Comarcas dos Ilhéus, Norte na Capitania da Bahia,” manuscrito sob a guarda da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro [FBN - 03,01,018 – Manuscritos - mss1408404]. Ambos os manuscritos, sem datação, foram transcritos e publicados no Brasil, em coletânea contendo trabalhos produzidos pelo autor (2008).

Dissequei os escritos de Muniz Barreto, aplicando-lhes chaves temáticas que buscavam separar os diversos assuntos tratados nos textos e agrupá-los tematicamente: agricultura/extrativismo – trabalho, atividades econômicas (ou uma expectativa delas), etc.; população colonial – ou sua ausência; indígenas; violência; paisagem – terrenos, tipos de solo, evidências de ações antrópicas, etc.; viagens – tempo, distâncias percorridas, trajetos, meios de transporte utilizados, etc.; naturalismo – investigação mineralógica, dos solos e botânica; poder/ordem. Desta forma, consegui observar os discursos de Muniz Barreto sobre cada um desses temas, o espaço e o cuidado que dedicou a cada um deles. A partir daí comecei então a esboçar o itinerário percorrido pelo autor em suas andanças.

Quanto ao corpus visual das produções de Muniz Barreto, busquei analisá-las em suas dimensões comunicativa e visual, buscando aplicar diversas técnicas, que vão desde a extração de suas paletas de cores, usando o software Adobe Collors, à decomposição em fragmentos, orientado pelas ideias de Donis A. Dondis (2015), de “sintaxe da linguagem visual” e “efeitos de percepção”; de Horst Brendekamp (2015), de “mediação entre a perspectiva interior e a exterior” e de “movimento pensante da mão que desenha”; até interpretações sobre a visualidade orientadas pelas ideias de Ulpiano T. Bezerra de Meneses (2002), tais como a de “visualidades como um conjunto de discursos e práticas que constituem formas de experiência visuais e visíveis”. Me vali ainda das análises e das definições dos elementos tipográficos de Robert Bringhurst (2005).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Para representar as estruturas construídas nas vilas, Muniz Barreto empregou truques que conferem profundidade e volume às edificações, contudo, não o faz não a partir do estabelecimento de um ponto de vista, de uma linha de horizonte que distorce as formas seguindo as linhas de um ou mais pontos de fuga, como seria próprio da representação em perspectiva.

Muniz Barreto, em sua descrição dos espaços visitados em suas andanças, mobiliza diversos enunciados paisagísticos. Desde os mais “brutos” e “naturais”, até os mais “transformados” e “humanizados”. Todos esses enunciados são elencados pelo naturalista na sua narrativa para descrever esse mundo “que pela variedade das suas produções oferece a Portugal toda a riqueza com que se ostenta — bem se vê que a maior parte dela, ou quase toda, não sendo aproveitada” (MUNIZ BARRETO, 2008, p.53.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos diferentes textos compulsados, as andanças de Muniz Barreto são narradas de maneiras distintas, a depender da instituição ou autoridade a quem o texto se destina. Muniz Barreto busca amalgamar nas suas produções diversos interesses em suas andanças, o interesse estratégico militar prepondera em alguns momentos, noutros os interesses científicos/naturalistas (que também são estratégicos) ganham maior destaque.

Nos mapas das vilas, Muniz Barreto se utiliza de métodos compositivos que são comuns ao campo da cartografia colonial, mas que são trabalhados pelo naturalista de maneira própria e sofisticada. Seus mapas guardam grande volume de informações arquitetônicas, materiais, urbanísticas e naturais.

Quanto às andanças, os itinerários narrados por Muniz Barreto revelam dois momentos diferentes de viagem, que o naturalista, em um dos escritos, amalgama como se fosse uma só. Foram a experiência e o resultado alcançado por Muniz Barreto junto aos índios sublevados das aldeias das comarcas do Sul que o cacifaram posteriormente, perante as autoridades coloniais, para semelhante trabalho com os índios, também sublevados, das comarcas do Norte.

Quanto à datação das andanças, persiste o enigma. Os dados oferecidos pelo próprio naturalista são contraditórios entre si, indicando-nos datas que vão de 1790 a 1793. E quanto à sua duração, também são contraditórios os dados, indo de um período de poucos dias até meses.

REFERÊNCIAS

ADAN, Caio F. F. *Colonial comarca de Ilhéus: soberania e territorialidade na América Portuguesa (1763 -1808)*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Salvador, 2009.

ADAN, Caio F. F.; KANTOR, I. A cartografia de um oficial pintor de mapas liberto: estudo de atribuição de autoria. 8º SIAHC - *Simposio Iberoamericano de Historia de la Cartografía*. El mapa como elemento de conexión cultural entre América y Europa. 1ed.Barcelona: Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya, 2021, v. 1, p. 120-133.

AGUIAR, J. O.. A botânica como missão pedagógica: Manuel Arruda da Câmara e a peculiaridade de suas interpretações sobre as espécies brasileiras (1752-1811). *CLIO. Série História do Nordeste* (UFPE), v. 1, 2011.

ARGAN, Giulio Carlo; KATINSZKY, Wilma De. *História da arte italiana*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BRENDEKAMP, Horst. Mãos pensantes – considerações sobre a arte da imagem nas ciências naturais. In: ALLOA Emmanuel (Org.) *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BRINGHURST, Robert. *Elementos do estilo tipográfico* (versão 3.0). Tradução: André Stolarski. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: *Geografia cultural uma antologia* (1). CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

DELERUE, Maria Luísa M. *Domingos A. B. Moniz Barreto: Baía, 1748, Rio de Janeiro 1831; entre o reformismo lusitano e a independência do Brasil*. Porto: Universidade Portucalense, 1998.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

FARIAS, Poliana Cordeiro de. *Domingos Alves Branco Muniz Barreto: ciência, economia e poder na Bahia (1788-1800) / Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Ensino de Filosofia e História das Ciências*. Salvador : UFBA; Feira de Santana, BA: UEFS, 2010.

KUMAR, Praveen. *Types of Aerial Photograph*. Dept. of Geography. Chaudhary Charan Singh University Meerut. India. 2020.

KURY, Lorelai, A Filosofia das viagens: Vandelli e a História natural. In: *O Gabinete de curiosidades de Domenico Vandelli*. Dantes, 2008.

MASSIRONI, Manfredo. *Ver pelo desenho: aspectos técnicos, cognitivos, comunicativos*. Lisboa: Edições 70. 2021.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fato cultural. In. YÁZIGI, Eduardo (org.). *Turismo e paisagem*. São Paulo: Contexto, 2002.

MUNIZ BARRETO, Domingos. *O Feliz clima do Brasil*. Rio de Janeiro: Dantes, 2008.

PEREIRA, Rodrigo Osório. *Império Botânico: as políticas portuguesas para a flora da Bahia Atlântica Colonial (1768-1808)*. 1. ed. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016.

RAMINELLI, Ronald. *Viagens ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

REIS, Nestor Goulart. *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Fapesp, 2000.

SANTOS, Fabricio Lyrio. A “civilização dos índios” no século XVIII: da legislação pombalina ao “Plano” de Domingos Barreto. *Revista de História*, São Paulo, n. 170, p. 233–260, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v0i170p233-260. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revhistoria/article/view/82573>.. Acesso em: 3 jul. 2024.

SANTOS, Fabricio Lyrio. Colonização e pensamento ilustrado: Domingos Álvares Branco Muniz Barreto e seus primeiros escritos. In: Francisco Topa; Joelma Santana Siqueira; Solange Yokozawa (coords.). (Org.). *Estudos de literatura Brasileira em Portugal - Travessias*. 1ed.Porto, Portugal: Edições Afrontamento, 2017, v. 1.

SANTOS, Paulo Ferreira. *Formação de cidades no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Iphan, 2015.

SCHIAVINATTO, Iara Lis; PATACA, Ermelinda Moutinho. Entre imagens e textos: os manuais como práxis de saber. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.23, n.2, abr.-jun. 2016.